



**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

**CENTRO DE ARTES E LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO**

**EM LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS A DISTÂNCIA**

## **Produção e Análise de Material Didático em Literatura**

***DCG - Disciplina Complementar de Graduação***

**PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**

**Dilma Vana Rousseff**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

**Fernando Haddad**

*Ministro do Estado da Educação*

**Luiz Cláudio Costa**

*Secretária da Educação Superior*

**Carlos Eduardo Bielschowsky**

*Secretário da Educação a Distância*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

**Felipe Martins Müller**

*Reitor*

**Dalvan José Reinert**

*Vice-Reitor*

**Maria Alcione Munhoz**

*Chefe de Gabinete do Reitor*

**André Luis Kieling Ries**

*Pró-Reitor de Administração*

**José Francisco Silva Dias**

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

**João Rodolpho Amaral Flôres**

*Pró-Reitor de Extensão*

**Orlando Fonseca**

*Pró-Reitor de Graduação*

**Charles Jacques Prade**

*Pró-Reitor de Planejamento*

**Helio Leães Hey**

*Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa*

**Vania de Fátima Barros Estivalet**

*Pró-Reitor de Recursos Humanos*

**Fernando Bordin da Rocha**

*Diretor do CPD*

**COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

**Fabio da Purificação de Bastos**

*Coordenador CEAD*

**Paulo Alberto Lovatto**

*Coordenador UAB*

**Roberto Cassol**

*Coordenador de Pólos*

**CENTRO DE ARTES E LETRAS**

**Pedro Brum Santos**

*Diretor do Centro de Artes e Letras*

**Ceres Helena Ziegler Bevilaqua**

*Coordenadora do Curso de Graduação de Letras - Português e Literaturas a Distância*

**ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO**

**Andrea Ad Reginatto**

*Professora pesquisadora/conteudista*

**EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM TECNOLOGIAS DA  
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO APLICADAS À EDUCAÇÃO**

**Elena Maria Mallmann**

*Coordenadora/Professora-pesquisadora UAB*

**Alcir Luciany Lopes Martins**

**Débora Marshall**

**Elieser Xisto da Silva Schmitz**

**Francisco Mateus Conceição**

**Giséli Duarte Bastos**

**Lívia de Castro Côrtes**

**Valquíria de Moraes Pereira**

*Técnicos em Assuntos Educacionais*

**Marcelo Kunde**

*Técnico em Programação Gráfica*

**Rodrigo Exterckötter Tjäder**

*Técnico em Informática*

### **RECURSOS EDUCACIONAIS**

**Luiz Caldeira Brant de Tolentino Neto**

*Coordenador/Professor-pesquisador UAB*

**Evandro Bertol**

*Designer Gráfico*

**Carlo Pozzobon de Moraes**

*Estagiário Design Gráfico*

### **ATIVIDADES A DISTÂNCIA**

**Ilse Abegg**

*Coordenadora/Professora-pesquisadora UAB*

**Daniele da Rocha Schneider**

*Professora-pesquisadora UAB*

### **TECNOLOGIA EDUCACIONAL**

**Andre Zanki Cordenonsi**

**Giliane Bernardi**

*Coordenadores/Professores-pesquisadores UAB*

**Bruno Augusti Mozzaquatro**

**Edgardo Gustavo Fernández**

**Marco Antonio Copetti**

**Ricardo Tombesi Macedo**

**Rosiclei Aparecida Cavichioli Lauermann**

**Tarcila Gesteira da Silva**

*Professores-pesquisadores UAB*

**Álvaro Augustin**

**Leandro Cargnelutti**

*Estagiários do Suporte Moodle*

Produção e Análise de Material Didático em Literatura

---

# Sumário

- **Ementa / Programa da disciplina**
- **Apresentação**
- **Unidade I**
  - **Atividade 1**
  - **1.1. O aluno: necessidades, nível de desempenho**
  - **Atividade 2**
  - **1.2. A linguagem: a metalinguagem do professor**
  - **Atividade 3**
  - **Síntese da Unidade I**
  
- **Unidade II**
  - **Atividade 1**
  - **A Flauta Mágica, por Paula Mastroberti**
  - **Atividade 2**
  - **2.1. Unidade de aula e curso e seus componentes**
  - **Atividade 4**
  - **Literatura Infanto-Juvenil, leitura e ensino, por Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho**
  - **Atividade 5**
  - **2.2. Ensino x Aprendizagem: o despertar de habilidades para leitura literária - ensinando e integrando**
  - **Síntese da Unidade II**
  
- **Unidade III**
  - **3.1. Elaboração de materiais e utilização de recursos**
  - **3.2. Gerenciamento de sala de aula**

**CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS A DISTÂNCIA****PRODUÇÃO E ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO EM LITERATURA***DISCIPLINA COMPLEMENTAR DE GRADUAÇÃO*PROF<sup>a</sup>. Andréa Ad Reginatto

Carga horária: 60h

Créditos: 4(t-2/ p-2)

**Ementa**

Aluno, professor, aula, materiais e estratégias no processo pedagógico.

**Objetivos** (Ao término da disciplina, o aluno deve ser capaz de):

Planejar, implementar, observar e avaliar recursos didáticos em Literatura, fazendo convergir teoria e prática.

**Programa****UNIDADE I - ALUNO E PROFESSOR NO PROCESSO PEDAGÓGICO**

- 1.1 Aluno: necessidades, nível de desempenho
- 1.2 A linguagem: a metalinguagem do professor

**UNIDADE II - A AULA E O PROCESSO PEDAGÓGICO**

- 2.1 Unidade de aula e curso e seus componentes
- 2.2 Ensino X Aprendizagem: o despertar de habilidades para leitura literária - ensinando, integrando

**UNIDADE III - MATERIAIS E ESTRATÉGIAS NO PROCESSO PEDAGÓGICO**

- 3.1 Materiais e Recursos
- 3.2 Gerenciamento de sala de aula

**METODOLOGIA DE ENSINO**

Estudo dirigido; exposição dialogada; aplicação da teoria na análise e na elaboração de material didático; estudo individual e em grupo; pesquisa bibliográfica.

**AVALIAÇÃO**

Durante o desenvolvimento de nossas atividades teremos as seguintes avaliações em forma de TAREFAS, distribuídas em cada duas das semanas de aula. Também faremos uma PROVA e a participação nos fóruns de discussão será pontuada em 0,5!

**Maiores informações e descrição das tarefas**, visualize na Dinâmica da Disciplina, postada no ambiente na primeira semana de aula.

Visualize no quadro abaixo:

TAREFAS	VALOR
1	0,5
2	0,5
3	0,5
4	0,5
5	0,5
6	0,5
7	0,5
Participação FÓRUNS	0,5
PROVA	6,0

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

COSSON, Rildo. Letramento Literário. São Paulo: Contexto, 2007.

FIORIN, J.L. Linguagem e Ideologia. São Paulo: Ática, 1990.

LEFFA, Vilson J.(org) Produção de Materiais de ensino: prática e teoria. Pelotas: Educat, 2008.

### **BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Org) Era Uma vez na Escola... Formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.

CHARTIER, Roger. (Org) Práticas de Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

FREIRE, P. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda maria. Ler e Compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

PINTO, E.P. A Linguagem Escrita no Brasil. São Paulo: Ática, 1986.

## APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

A disciplina PRODUÇÃO E ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO EM LITERATURA tem como eixo central a elaboração de material didático para o ensino de literatura na educação básica. Além disso, propomos um trabalho reflexivo e crítico sobre o material já produzido e difundido em escolas. Nesse sentido, buscamos nos PCNs, as diretrizes do ensino de literatura na escola, para a partir deles entendermos o lugar dessa disciplina na escola.

Para iniciarmos a nossa disciplina, pensamos que é preciso delimitar algumas questões:

1. Qual é o papel do professor de literatura na escola?
2. Qual é o perfil esperado para esse professor?
3. O que é ser um bom leitor literário?
4. Onde buscar apoio? Na teoria literária? Nos manuais didáticos?

Para responder aos questionamentos propostos, iniciamos as discussões da disciplina a partir dos pressupostos que envolvem o aluno, o professor e o processo pedagógico que norteia essa relação, partindo dos PCNs. A seguir, abordaremos Ensino X Aprendizagem: o despertar de habilidades para leitura literária e, por fim, delimitaremos algumas unidades didáticas extraídas de livros didáticos de literatura para análise e, logo a seguir, passaremos à produção de material didático.

Venha conosco, embarque na onda da leitura e da produção de materiais didáticos...

*A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (Antonio Candido. O direito à literatura, 1995)*





Produção e Análise de Material Didático em Literatura

## UNIDADE I

# ALUNO E PROFESSOR NO PROCESSO PEDAGÓGICO

Nesta unidade trataremos de desenvolver as questões norteadoras de nosso objeto de estudo – os dois pólos do processo de ensino – aluno e professor.

Parafraseando Leffa( 2008) o profissional da educação tem nos dias atuais um universo de informação e possibilidades de trabalho, inviáveis se formos pensar em décadas passadas.

Nesse sentido, importa pensar no processo de ensino de literatura no Brasil. Com o foco cada vez mais centrado no desenvolvimento da ciência e da tecnologia, tornou-se discutível o que até então era tido como natural: o estudo da literatura no ensino médio.

A literatura, enquanto disciplina, deve ter como fundamento o entendimento da escrita produzida por um povo e a sua influência na sociedade, pois através dela podemos analisar o pensamento de uma geração, os temas que permeavam a sociedade de uma época, a influência destes pensadores na vida das pessoas. Assim, não somente como registro de uma cultura, a literatura aponta e registra a evolução dos povos, dos “modos” da sociedade.

Tal estudo vem perdendo espaço e importância no currículo das escolas, pois parece haver um descaso sobre o fato de que o letramento literário aponta para a formação de um leitor crítico e capaz de entender o mundo a sua volta. Tais características podem ser vistas como fundamentais para um individuo que pretende ingressar em um curso superior, independente da área do conhecimento que almeja.

No decorrer dos anos, foi necessário que o estudo de literatura na escola se adequasse aos novos rumos da escrita. Para tal, foi preciso analisar as características inerentes à literatura que podem ser encontradas nessas novas formas de escrita. É indiscutível que uma obra literária possui características próprias em sua construção, em seu léxico, em sua estrutura e, sobretudo em sua intencionalidade. Identificar a literariedade de um texto o faz passível ou não de ser estudo como Literatura de determinada língua.

A partir disso, pensamos em qual é o perfil do aluno que temos(ou queremos ter) e qual é a nossa possibilidade de oferecer o melhor a esse aluno. Ao analisarmos os PCNs, vamos encontrar uma definição clara de habilidades e competências, tanto para uma como para outra ponta desse processo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais que norteiam as práticas educativas partem de uma proposta desenvolvida com um grupo de trabalho formado por especialistas e pesquisadores das universidades brasileiras, envolvendo professores e gestores das Secretarias Estaduais de Educação e do Distrito Federal por meio de cinco seminários regionais e um seminário nacional.

Proposto pelo Ministério da Educação, esse material tem como objetivo contribuir para o diálogo

entre professor e escola sobre a prática docente. Tendo em vista que a qualidade do ensino tem ligação direta com o crescimento do país, o governo federal busca, com esse documento, uma ferramenta para a unificação e estruturação do ensino nas escolas brasileiras.

Segundo carta enviada às escolas de educação básica, juntamente com os PCNs, esse documento trata de um apoio para o desenvolvimento da prática docente. Assim, destina-se aos professores com a finalidade de auxiliar na construção da base curricular a ser desenvolvida no ensino médio.

O referido documento trata a escola como um centro formador de indivíduos capazes de tomar decisões e pensar criticamente acerca da realidade a sua volta. Assim, justifica a presença e o estudo da literatura no ensino médio como eixo fundamental para o desenvolvimento dos educandos:

*E nisso reside a sua função maior no quadro do ensino médio: pensada (a literatura) dessa forma, ela pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo (OSAKABE, 2004, IN: PCNs, 2008, p. 49)*

Segundo consta nos PCNs, a discussão acerca da presença da literatura no ensino médio data de pouco tempo, visto que seu estudo era indiscutível nos modelos de educação que encontrávamos nas escolas. Seu estudo era um fator diferencial na formação do sujeito, e até motivo de distinção por *status*. Conhecer e estudar obras literárias era considerado fator de reconhecimento, como valor.

Contudo, as necessidades do mundo atual foram tornando a literatura um estudo questionável desde o ponto de vista do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, pois, tratando-se a literatura de uma arte, sua aplicabilidade no cotidiano tornou-se secundária.

O letramento literário, entendido “como estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o”(PCNs, 2008, p.55) fez com que a literatura ocupasse um papel secundário no currículo da escola contemporânea.

Porém, o que os PCNs defendem é uma postura diferente diante do ensino da literatura: fez-se necessário e urgente o letramento literário para “empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura” (PCN, 2008, p.55). Esse efeito de apropriação vem fundamentado pelo documento maior que define as normas da educação no Brasil, a LDBEN nº 9.394/96, em seu Inciso III que diz: “aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LDBEN, 1996).

O ensino de literatura passa, assim, a ser um veículo de formação do ser humano. Um mecanismo de humanização. Para tal, devemos entender que o estudo de literatura não deve limitar-se à memorização de regras gramaticais ou das características de uma determinada época ou estilo literário, mas sim, proporcionar ao educando meios para ampliar e articular conhecimentos e competências.

A literatura atende aos preceitos dos PCNs, que se apoia nas palavras de Soares (2000, p. 45). Assim a autora entende que na medida em que o analfabetismo é superado, um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever. Dessa forma, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita: não lêem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário, sentem dificuldade para escrever um simples telegrama, uma carta, não conseguem encontrar informações num catálogo telefônico, num contrato de trabalho, numa conta de luz, numa bula de remédio...

Assim, define-se que esse contato com a literatura deva ser o contato direto do educando com o texto. Esse texto proporciona mais que experiências de contato com a língua, promove, sim, proximidade com sua estética, entendendo assim a literatura como uma forma de arte. Dessa maneira, essa arte frui e atinge de diferentes formas o receptor. A literatura deve encantar pela beleza estética tanto quanto pela forma escrita.

E ainda que consideremos que todo texto possa fazer parte da literatura, é preciso delimitar a literariedade de um texto. Nem toda a manifestação escrita possui em si características literárias. E neste ponto encontra-se o professor, que por um lado não deve ater-se ao conhecimento dos clássicos da literatura e por outro, este mesmo professor deve delimitar qual manifestação moderna pode ser entendida como literatura.

Segundo os PCNs, o crivo deve ser o mesmo em relação a definição do **texto literário** moderno deve ser o mesmo que o utilizado para delimitar o cânone na literatura. Assim, ao deparar-se com uma **produção moderna**, o professor deverá fazer-se perguntas como:

- Há ou não intencionalidade artística?
- A realização correspondeu à intenção?
- Quais os recursos utilizados para tal?
- Qual o seu significado histórico-social?
- Proporciona ele o estranhamento, o prazer estético?

A esse respeito, Cândido afirma que:

*Sabemos que em literatura uma mensagem ética, política, religiosa ou mais geralmente social só tem eficiência quando for reduzida a estrutura literária, a forma ordenadora. Tais mensagens são válidas como quaisquer outras, e não podem ser proscritas; mas a sua validade depende da forma que lhes dá existência como um certo tipo de objeto. (CÂNDIDO, 1995, p. 250).*

Portanto, de acordo com o nível de conhecimento e amadurecimento dos alunos, a literatura toma diferentes formas e intencionalidades. Cabe ao professor e a equipe de coordenação das escolas a formação de um currículo que dê conta dessa nova maneira de entender e aplicar a

literatura no ensino médio.

Tal profissional tem em suas mãos a missão de fazer da escola um espaço onde a literatura cumpra devidamente sua missão, atenda a seus preceitos e possa servir como ferramenta efetiva no desenvolvimento dos alunos. Bem como, cabe aos mesmos profissionais a tarefa de bem ocupar o tempo de que dispõem (3 anos, no caso do ensino médio) para efetivar esse conhecimento.

Para tal, é preciso considerar que o professor pode ou não adotar o livro didático como material centralizador na sala de aula, bem como adotar uma apostila de sua criação (ou de outro professor) para expor o conteúdo para os alunos.

Diante dos pontos levantados pelos PCNs, a literatura encontra-se envolta em uma rede de argumentos que confirmam sua importância no currículo básico do ensino médio. Porém, ainda é necessário que cheguemos ao ponto que norteia esse trabalho, o espaço destinado à literatura portuguesa.

Os PCNs entendem **a literatura no ensino médio** como uma disciplina independente e importante para formação curricular e do educando. Dessa forma, de acordo com o documento que regulamenta o ensino de literatura na educação básica (Ensino Fundamental e Médio) pensamos que se deve privilegiar como conteúdo de base no ensino médio a Literatura Brasileira, porém não só com obras da tradição literária, mas incluindo outras, contemporâneas significativas. Nada impede, e é desejável, que obras de outras nacionalidades, se isso responder às necessidades do currículo de sua escola, sejam também selecionadas. (PCNs, 2008, p. 73-74)

### **ATIVIDADE 1**

Ao final deste primeiro tópico, elabore uma síntese, em forma de texto, com suas palavras. Para isso, retorne os [questionamentos feitos acima](#) e, a seguir, disponibilize seu texto no Fórum de Discussão da semana.

## **1.1. O aluno: necessidades, nível de desempenho**

Conforme dados obtidos junto a instituições de ensino, é possível dizer que, hoje, o ensino de literatura nas escolas, no nível médio, de modo geral, se organiza em torno de um propósito: a apresentação de um roteiro da história da literatura brasileira, privilegiando a periodização, ou seja, cabe aos estudantes a tarefa de classificar textos, a partir de estilos de época (romantismo, barroco, arcadismo, realismo, etc..)

Convém salientar que é somente durante os três anos de Ensino Médio que a literatura ganha um espaço autônomo no contexto escolar, pois até então ela é integrada ao ensino de língua portuguesa, não havendo nesse sentido, um estudo aprofundado sobre os textos literários.

Sobre esse enfoque, o texto Especial É o aluno - e o aprendizado da leitura?, escrito por Cesário Alvim Pereira Filho tece inúmeras considerações. **Neste momento utilizaremos a ferramenta WIKI do ambiente virtual de aprendizagem. Então, vamos à tarefa 2:**

**ATIVIDADE 2**

Vamos ler o texto, buscando esclarecer os seguintes questionamentos:

- Como "conformar" os sentidos de um texto ficcional apenas à leitura feita pelo professor, ou mesmo pelo que é proposto nos livros didáticos?
- Como "conformar" a uma estratégia rígida de leitura uma obra literária cuja natureza aponta para a ambiguidade, para a plurissignificação com vistas ao estranhamento do leitor?

### **Especial É o aluno - e o aprendizado da leitura?**

**Cesário Alvim Pereira Filho** (Formado pela UFES, Mestre em Língua Espanholas e Literaturas Hispânicas pela UFRJ, Professor da Cesat e do Curso de Línguas para a Comunidade da UFES)

*Há bolo podre no reino da Dinamarca, ou melhor, no Brasil. Supõe-se que o aluno vá pegar o livro que goste e irá ler. Mas isto de fato é verdade? Lamentavelmente, vivemos 'os brasis' das suposições. Supõe-se que o aluno aprendeu, supõe-se que ele leu, e supõe-se que...*

Enfim, suposições sem fim.

Ainda hoje, no Ensino Fundamental e Médio, como é que se trabalha a leitura? Sempre que ouço alguém comentar que pediu aos alunos um resumo de uma leitura, imediatamente pergunto: *Você tem por hábito ensinar de fato o que é um resumo, as etapas as quais devem ser obedecidas e respeitadas para se fazer um resumo?* Sempre ouço: não. Isto é muito sério, não se pode pedir aquilo que não foi ensinado. "Não brincamos de aprender, mas podemos até aprender brincando". Fazer resumo não é tarefa fácil. Mas tem gente que acha que resumir é resumir. E no ensino, todos sabemos que não há e nunca funciona o tanto faz.

Culpo as escolas? não. Culpo os professores? Também não. Apenas culpo a incoerência.

Certa vez, conversei com alguém que me perguntou: *Você acha que o ensino de língua materna é especial?* Eu disse que não é, especial é o aluno, porque ele como elemento social tem um compromisso de devolver ao meio aquilo que realmente aprende(u) na escola. Mas se não aprende, irá devolver o quê à comunidade?

Chateia-me ainda ouvir algumas pessoas falarem algo do tipo: dá um texto para estimular os alunos. Por acaso texto é comprimido? Texto é estimulante tão somente?

Texto é algo sério. Aluno tem que gostar, sim, do texto que lê. É bom gostar do que se faz. No entanto, só gostamos daquilo que conhecemos. E o aluno sabe o que é ler? Quando alguém me diz que não gosta de música erudita, me pergunto será que ele já ouviu toda a obra de Bach? Ouvir apenas a introdução das *Quatro estações* de Vivaldi, não diz em nada que alguém seja um amante de música clássica.

Ler, enquanto ou como exercício de aprendizagem, também é feito na sala de aula. Acredito que não se passa o envolvimento com a leitura somente pelo simples fato de gostar ou não. Nós, alunos, temos que ler. *Necessitamos ler.*

Ler não é obrigação, ler é um exercício da cidadania. Ler é compromisso pessoal. Não se lê somente o que se gosta, não se trabalha somente onde se gosta, não se estuda exclusivamente na escola que se gostaria... Nem sempre moramos na cidade que gostamos, mas temos que procurar fazer o melhor com aquilo que está ao nosso alcance.

Já imaginou se o professor de Faculdade não trabalhar com Drummond porque o aluno simplesmente não gosta? Ou então o aluno não quer ler Chomsky ou Sausurre porque não "acha legal" ou sentencie: não gosto. A pergunta é: acaso o aluno conhece bem e a fundo a idéia dos autores? É inconcebível que isto exista ou venha a existir em nosso ensino porque há leituras que são necessárias: ler é preciso, assim como disse o poeta que navegar é preciso.

Também não se vai enfiar goela abaixo do aluno Machado de Assis, porque ele tem que ler Machado, por ler. Entretanto, acredito que há algumas leituras que têm que ser ou que são obrigatórias na formação curricular do estudante. Respeitar o gosto do aluno obedece a um limite desde que esse gosto não atrapalhe, ameace ou impeça repassar a cultura — não uma cultura em que não se reflita sobre o que se lê, mas uma cultura de sala de aula em que se lê para conhecer e discutir o universo social e cultural que nos cerca. Portanto, há autores fundamentais para se compreender nossa bela e vasta cultura, nossa tão querida história, uma vez que se compreende a finalidade da escola, em que se situa a leitura, como sendo também a manutenção e a perpetuação da cultura.

Diante das manchetes de jornal, do quadro de que "mais da metade dos estudantes brasileiros não compreende o que lê", permanece a pergunta: a culpa é do aluno? Ah! se alguém disser isto, então voltamos ao paraíso?! O aluno é o Adão e a aluna é a Eva? E quem é a cobra?

A busca de soluções é a saída mais sensata para todos nós, mas há aqueles que ainda preferem unicamente uma *saidera*. Pessoalmente, gosto muito da afirmação de Frank Smith: *"Não há nada de especial na leitura, a não ser tudo que nos possibilita fazer. O poder que a leitura proporciona é enorme, não somente por dar acesso a pessoas distantes e possivelmente mortas há muito, mas também por permitir o ingresso em mundos que, de outro modo, não seriam experimentados, que, de outro modo, não existiriam. A leitura permite-nos manipular o próprio tempo, envolvemo-nos em idéias ou acontecimentos em uma proporção e em uma seqüência de nossa própria escolha. Não possuímos este poder quando escutamos alguém falar, ou quando vemos um filme."*

Para entendermos melhor o cenário que norteia o ensino de literatura, a docência e a relação que é estabelecida com os alunos, vamos ler o texto [Perfil de leitor literário desejado pelo vestibular](#), escrito por *Juliana Alves Barbosa Menezes*.

## 1.2. A linguagem: a metalinguagem do professor

Neste tópico vamos focar o olhar no **professor**, ou seja, nas ações que ele desenvolve em sala de aula. *Procure desenvolver uma reflexão crítica sobre as delimitações feitas pela autora. Leia o texto a seguir!*



## O papel do professor de literatura na formação de leitores

por Solange Loos

Minhas lembranças das aulas de literatura que tive quando cursava o Segundo Grau me motivaram a refletir sobre o papel do professor de literatura enquanto formador de leitores. Infelizmente, essas recordações não são boas, pelo contrário: lembro, principalmente, de um professor extremamente conservador e enérgico, que adotava um livro didático que, como a maioria dos que se propunham a ensinar literatura naquela época, não passava de uma esquematização (extremamente malfeita) de nomes, datas, características de escolas literárias, obras mais importantes, etc., ou seja, um perfeito rol de inutilidades. E a "arte da palavra" – que era como esse livro definia literatura (e que, de todo o rol, foi a única definição que não esqueci) – soava-me tão distante, mas tão distante, que eu chegava a pensar que havia algo errado comigo, já que não conseguia entender a importância de algo que o livro didático dizia que era tão bom. Em quase todas as aulas, esse professor repetia: "Machado de Assis é bom", "José de Alencar é bom" e "É preciso ler o que é bom". Lembro que, uma vez, fui à biblioteca do colégio e peguei *A pata da gazela* (de José de Alencar). Não achei nada bom, mas não tive coragem de dizer isso àquele professor ou de lhe pedir que me explicasse por que o livro que tinha acabado de detestar era bom.

Hoje, compreendo o motivo de ele não ter me explicado por que Machado de Assis é bom: nem ele sabia por quê. Ele falava de algo que não conhecia, repetia o que havia ouvido de seus professores e, o que é ainda pior, não lia para conhecer e poder convencer seus alunos.

Se aquele meu professor soubesse o que é literatura e por que ele a ensinava, teria me mostrado que ela está em toda parte – no rádio, na TV, no cinema, no teatro... –, e eu certamente teria me interessado por ela imediatamente. Dos males, o menor – sempre gostei de ler e li, mas perdi muito tempo lendo bobagens até descobrir o valor da literatura.

A prática do professor que não têm noção do que está fazendo só serve para afastar o aluno da leitura. E a imposição do cânone literário – muitas vezes indigesto – acaba fortalecendo a idéia de que literatura é só o cânone – que, para a maioria dos alunos, é sinônimo de chatice. Além disso, essa imposição acaba por mistificar a literatura. Se há uma elite que elege o que é bom (Com que critérios? Que valores estão em jogo?), o restante do público em potencial, ou passa a fazer parte de um grupo de privilegiados – os que têm acesso à literatura –, ou é excluído, pois a literatura é vista como algo para iniciados.

E essa mistificação, somada às condições em que se encontra (há tanto tempo...) o magistério, faz com que os professores também não leiam.

O professor que quer incentivar a leitura tem de ser, antes de tudo, leitor. E, segundo o escritor Paulo Venturelli, "um leitor em permanente construção". Só um professor que é leitor e tem consciência do valor da leitura consegue criar leitores e ensiná-los a ler o mundo.

A literatura alimenta a leitura: quanto maior a dimensão cultural do leitor, melhor ele lê; quanto mais ele lê, maior sua dimensão cultural.

Mas não se pode pensar apenas no aspecto prazeroso da leitura: além de prazer estético, livros são instrumentos de conscientização e atualização: o professor tem o papel de formar leitores críticos da cultura. Ao lado do prazer de ler está o prazer da descoberta, da ampliação da visão de mundo, da resistência à massificação, do debate e da crítica.

O conhecimento literário e o gosto pela leitura (e uma coisa não existe sem a outra) são requisitos para a construção de um professor formador de leitores. Só o entusiasmo do professor pela leitura e a consciência de seu papel podem envolver os alunos e fazê-los ler.

Em termos metodológicos, é preciso dar-lhes uma grande quantidade e variedade de livros. O patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade está fixado em diferentes tipos de livros, e isso torna as visitas frequentes à biblioteca imprescindíveis.

O professor que realmente é formador de leitores tem abertura às diversas interpretações que a obra literária pode suscitar e tenta sempre aprender com elas.

Em uma sociedade em que imperam o utilitarismo, o consumismo e a alienação, o professor acaba concorrendo com os meios de comunicação e toda a sorte de entretenimentos que apelam para o óbvio. Fazer com que o aluno tome consciência da necessidade de transformação de si mesmo e do mundo pode ser uma forma de sensibilizá-lo para a leitura, a literatura e a realidade. É preciso ensinar o aluno a fazer a vinculação entre o lido e o vivido.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & realidade brasileira*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- VENTURELLI, Paulo. A literatura na escola. *Revista Letras*, n. 39, Curitiba, p. 259-269, 1990.

**ATIVIDADE 3 - ALINHAVANDO A TEORIA E A PRÁTICA**

A partir do seu entendimento acerca das ideias desenvolvidas até aqui, **entreviste alunos de ensino fundamental e médio e investigue as impressões sobre o ENSINO de LEITURA e LITERATURA na ESCOLA**. A seguir, **faça uma entrevista com um professor de literatura na sua cidade**. Para auxiliar na sua tarefa, sugerimos alguns questionamentos.

- É possível ensinar leitura?
- É possível estabelecer métodos capazes de orientar o professor no sentido de ensinar leitura?
- É possível formar leitores no contexto da escola?
- A escola abre espaço para a imaginação criativa?

**Mas não esqueça, você deve ser criativo e formular questões novas, enfocando a seguinte ideia:** A prática do professor que não têm noção do que está fazendo só serve para afastar o aluno da leitura. E a imposição do cânone literário – muitas vezes indigesto – acaba fortalecendo a idéia de que literatura é só o cânone – que, para a maioria dos alunos, é sinônimo de chatice. Além disso, essa imposição acaba por mistificar a literatura. Se há uma elite que elege o que é bom (Com que critérios? Que valores estão em jogo?), o restante do público em potencial, ou passa a fazer parte de um grupo de privilegiados – os que têm acesso à literatura –, ou é excluído, pois a literatura é vista como algo para iniciados. Ao finalizar sua atividade, poste os resultados de suas entrevistas no fórum desta semana e busque recuperar a voz do aluno e do professor.

**SÍNTESE DA UNIDADE I**

Nesta unidade enfocamos as figuras essenciais no processo de ensino e aprendizagem – o aluno e o professor. Buscamos de modo claro e aliando elementos teóricos e práticos despertar a reflexão crítica acerca da dinamicidade que envolve a docência na área das letras, mais especificamente na área dos estudos literários. Assim, fechamos a unidade reiterando que **“entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é, da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil que pode se apropriar de diferentes textos.”** (Roger Chartier). Na próxima unidade, centraremos o olhar no tema **A AULA E O PROCESSO PEDAGÓGICO**.

## UNIDADE II

# A AULA E O PROCESSO PEDAGÓGICO

"A prática de pensar a prática é a  
melhor maneira de pensar certo."

**Paulo Freire**

Para iniciarmos a unidade, propomos a leitura de um texto [Mudanças dos profissionais em estruturas educacionais complexas](#), produzido por *José Manuel Moran*, sobre a sala de aula e o processo de ensino aprendizagem.

### ATIVIDADE 1

A partir da leitura realizada, estabeleça uma lista com aspectos que você considera importante na prática pedagógica, em relação à aprendizagem. Divulgue sua lista no fórum da semana e troque ideias com seus colegas e professores.

## A Flauta Mágica

por **Paula Mastroberti**. Escritora e artista plástica, escreveu estas reflexões em dezembro de 2004. Entre os diversos livros que tem publicado, [Heroísmo de Quixote](#) (Rocco) conquistou o 2º lugar do Prêmio Jabuti – Livro Juvenil 2006. [www.mastroberti.art.br](http://www.mastroberti.art.br)

*Após o encontro realizado com os alunos de uma escola municipal de Porto Alegre, a professora pede que eu faça o registro do que lá foi discutido acerca do meu livro O Flautista de Hamelin, onde teço uma releitura a partir da conhecida lenda medieval sobre uma cidade invadida por ratos e salvada por um flautista. Hamelin, ou Hameln, não sei se sabem, de fato existe e se localiza na Alemanha; lá ainda hoje comemoram o feito com representações teatrais e festas que atraem turistas de todo o mundo.*

*É provável que esta lenda, compilada pelos Irmãos Grimm num livro que encontro em parte nenhuma sobre lendas alemãs, intitulada "Die Kinder zu Hameln" (ou, "As Crianças de Hamelin"), tenha se desenvolvido a partir de um acontecimento real, pois eram comuns as pestes em vilarejos cujas más condições de higiene se deviam à ignorância ou descaso. Através da linguagem simbólica típica dos contos populares, narra-se que Hameln se livrou da peste graças à arte de um Flautista Mágico. Por não ter sido recompensado conforme prometido, leva embora, em desafio, todas as crianças da vila para uma montanha de onde*

nunca mais retornam. Variações pueris contam de um menino aleijado que não pode acompanhar a música hipnótica, outras concluem no arrependimento do prefeito que afinal cumpre sua palavra, levando à devolução de todos os seqüestrados.

Finais à parte, o que me atraiu nesta história foi a possibilidade de fabular, através dela, sobre inúmeras preocupações contemporâneas, entre elas, o papel da arte e do artista na sociedade figurado na personagem do Flautista – tema que mereceu atenção incrível dos alunos. Entre outras, destaco a proposição de uma menina de seus quinze anos: queria saber se eu acreditava nesta "mágica", ou seja, se eu cria na possibilidade de salvação através da arte. Ainda que passasse por ridícula ou idiota, em virtude das tantas necessidades reais dos moradores das vilas periféricas de Porto Alegre, ousei responder, sim, acredito.

Sim, acredito; sem querer dar à arte um papel funcional, não posso deixar, entretanto, de vincular o ato de criação humana a uma intenção libertária. Esta intenção pode se dar em vários níveis, compreendendo desde a mais simples representação de um ideal ou utopia político-social até a mais profunda reflexão sobre a aporia existencial humana. Através dos serviços do Flautista Mágico, procurei reafirmar esta crença, assim como não vi nada mais apropriado do que **associar** os milhares de ratos que regurgitam nesta narrativa sombria à ameaça do caos e do descontrole que todos sentimos permear nossas vidas e que evidenciam a fragilidade do nosso destino.

Sim, na minha história, Hamelin, um centro urbano com todas as modernidades confortáveis que um centro urbano pode conter, é ainda assim invadida por ratos, por desconhecimento ou recusa deliberada em dar atenção ao que se passa em seus subterrâneos imundos. Sua população, uma massa a qual procuro sempre conferir reações de um grande corpo orgânico, busca em vão recursos para se defender dessa calamidade nas várias instâncias da ciência e tecnologia. É quando todas as esperanças se exaurem que um flautista (ou um artista, representado pelo músico) toma para si as rédeas (ou a flauta) que conduzirá a cidade ao seu destino utópico de plenitude e harmonia existencial. A ordem e a luz retornam à Cidade de Hamelin através da arte que burla o caos reinante.

**Em qualquer uma de suas linguagens, incluindo a literatura, a arte me parece a única das expressões a apreender e conferir um sentido de e para a existência humana. Que o digam ilusório. Todas as discussões que ela suscita em âmbito estético ou funcional apenas circundam a questão crucial formulada por aquela adolescente. Questão esta que deveria ser formulada por todos os envolvidos no processo de criação e seus entornos, críticos, curadores, produtores culturais, artistas e escritores, etc. (grifo nosso)**

Sim, eu acredito na arte que instiga, que justifica em si mesma o espaço que ocupa, que faz pensar a condição humana. E mais: se é o artista o mediador destas reflexões, reconheçamos que não há nisto nenhum motivo de vaidade ou egolatrismo. Reconheçamos que a obra só se completará no espectador e que tal interação só é possível dentro de uma realidade social livre de entraves

*burocráticos e político-ideológicos que com freqüência obstruem o caminho da obra e seu autor, impedindo-os de atuar junto ao público de modo eficiente. Desconsiderar o potencial e o desejo que todo indivíduo tem, independente de idade, gênero ou condição, de apreciar ou viver uma real experiência artística é, na minha opinião, subtrair-lhe não só um direito, como também à obra ou ao seu autor a oportunidade de novas e enriquecedoras leituras.*

*Durante o tempo em que permaneci na companhia daqueles alunos e seus professores (e através deles quero representar toda uma infinidade de escolas que visito anualmente na qualidade de escritora), presenciei algo que por si só já justificaria este texto: um jogral composto pela meninada, bem dramatizado e acompanhado pelo som de flautas, recitou trechos da obra a qual me referi. À medida que atuavam, fui percebendo que o **texto tornara-se um outro**, compartilhado entre mim e eles. Foi como se minha obra tivesse se expandido, se tornado independente, viva, ganhando inúmeros significados e almas, tantos quantos eram as bocas jogralistas.*

*Os jovens alunos de escolas de periferia, mais do que quaisquer outros, são constantemente ameaçados por "ratos" das mais variadas espécies (falta de perspectiva, fome, criminalidade, etc). Levados pela música e pelas palavras de um livro, alcançaram, como eu, um estado de transfiguração que muitos abastados (de bens, de informação) alcançarão jamais, porque esquecem de se aprofundar nos subterrâneos da alma.*

*Sim, eu acredito na arte que é capaz de encantar e seduzir estes jovens, cuja sensibilidade as mesquinhas e revezes da vida ainda não foram capazes de destruir - como acredito que minha função de artista e escritora só se completa quando minha flauta é ouvida.*

[Dobras da Leitura](#) Ano VII - N.º 37 - set. 2006

#### **ATIVIDADE 2**

Após a leitura do texto A Flauta Mágica, reflita sobre a "função da literatura na escola". poste sua resposta no fórum desta semana.

## **2.1. Unidade de aula e curso e seus componentes**

Se tem algo que eu aprendi no [meu quinto semestre na faculdade de Letras](#) foi fazer **planos de aula**. Em pelo menos três das disciplinas, os trabalhos finais envolviam o planejamento utilizando a estrutura clássica Objetivos > Tópicos do Conhecimento > Cronograma de trabalho > Formas de Mediação > Recursos > Avaliação > Bibliografia.

Seguindo aquela ideia de sistematizar conhecimentos que andam espalhados e fragmentados pela web, esse artigo pretende detalhar todo o processo de elaboração de um plano de aula e algumas variações que podem ocorrer (dependendo da teoria pedagógica do orientador ou da universidade). No final do texto, está disponível para download, no formato PDF, um modelo de plano de aula feito por mim nesse semestre que passou, o qual vamos analisar ao longo desse artigo.

### **Para que um plano de aula?**

Para quem, como eu, está iniciando sua prática pedagógica, é muito importante ter bem claro tudo que se pretende fazer durante uma aula. Ter um plano detalhado que registre seus objetivos, a matéria que será trabalhada, o material utilizado, o que será feito e quanto tempo vai levar proporciona uma organização que pode ser a diferença entre uma aula bem sucedida ou não. Eu mesmo já achei tudo isso uma besteira, mas percebi na prática como a falta dessa organização pode levar ao fracasso total.

FONTE: <http://www.lendo.org/como-fazer-um-plano-de-aula/>

A partir das considerações abordadas no texto sobre a importância de planejarmos nossas atividades, vamos discutir alguns conceitos fundamentais sobre **PLANEJAMENTO**.

### **O que é um PLANO DE AULA ?**

- É um documento que registra o que se pensa fazer, como fazer, quando fazer, com quem fazer e com quem fazer;
- Evita o improviso;
- É um norte para as ações educacionais.
- Plano é a formalização dos diferentes momentos do processo de planejamento;
- Planejamento e Plano estão estreitamente relacionados, mas não são sinônimos;
- **É a apresentação sistematizada e justificada das decisões tomadas.**

**PLANEJAMENTO é o processo;**  
**PLANO é o registro do processo**

### **PLANEJAR PARA QUÊ/QUEM???**

- Nos objetivos gerais da educação escolar (em termos de país, estado, município, escola, áreas de estudo e disciplinas), efetivamente comprometida com a formação da cidadania dos sujeitos envolvidos no processo;
- No valor dos conteúdos como meios para a formação do cidadão consciente, competente e crítico;
- Nas articulações entre conteúdos, métodos, técnicas e meios de comunicação; e da avaliação no ensino-aprendizagem.

Em suma, a elaboração (coletiva/individual) dos planos de ensino depende da visão de mundo que temos e do mundo que queremos, da sociedade que temos e daquela que queremos, da escola que temos e daquela que queremos.

**Falando em LITERATURA, especificamente, é preciso refletir sobre a questão:**

**Qual é o leitor que queremos?**

**Confira os modelos de Plano de Ensino**

#### MODELO DE PLANO DE ENSINO 1

##### 1. IDENTIFICAÇÃO

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: \_\_\_\_\_  
 CIDADE: \_\_\_\_\_ CURSO: \_\_\_\_\_  
 TURMA: \_\_\_\_\_ TURNO: \_\_\_\_\_ Nº ALUNOS: \_\_\_\_\_  
 SEMESTRE: \_\_\_\_\_ ANO LETIVO: \_\_\_\_\_  
 PROFESSOR(A): \_\_\_\_\_

##### 2. OBJETIVOS

###### 2.1 Gerais (O quê? Para quê?)

- 2.1.1 (Conhecimentos)
- 2.1.2 (Habilidades)
- 2.1.3 (Hábitos e Atitudes)

###### 2.2 Específicos (O quê?)

- 2.2.1 (Conhecimentos)
- 2.2.2 (Habilidades)
- 2.2.3 (Hábitos e Atitudes)

##### 3. CONTEÚDOS

(CONHECIMENTOS, HABILIDADES HÁBITOS E ATITUDES)

1ª Semana: Período de \_\_\_\_\_ Tema \_\_\_\_\_

DATA	CONHECIMENTOS	HABILIDADES	ATITUDES	AValiação
2ª feira 00/00				
3ª feira 00/00				
3ª feira 00/00				
4ª feira 00/00				
5ª feira 00/00				
6ª feira 00/00				

##### 4. ESTRATÉGIAS

- 4.1 Leituras
- 4.2 Pesquisa
- 4.3 Aula Explicativa  
(com suporte de material didático)
- 4.4 Seminário
- 4.5 Roda-Viva

- 4.6 Painel Integrado
- 4.7 Documentário Filmado
- 4.8 Filme
- 4.9 Encenação
- 4.10 Fórum (Discussão)
- 4.11 GV-GO (Debate)

##### 5. AVALIAÇÃO

- 5.1 Critérios: domínio do conteúdo, assiduidade, participação, cooperação, interesse etc. (derivam dos objetivos de ensino-aprendizagem).
- 5.2 Instrumentos: trabalho escrito, apresentação de trabalho, pesquisa, elaboração de síntese, jogos, elaboração de texto, elaboração de relatório de aprendizagem, prova prática, prova oral, prova escrita, trabalho em grupo, etc.

##### 6. BIBLIOGRAFIA

GIL, A.C. Metodologia do Ensino Superior. 3ª ed. São Paulo, Atlas, 1997.  
 LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo, Cortez, 1994.  
 SCHMITZ, Egidio. Fundamentos da didática. 7ª ed. São Leopoldo, Unisinos, 1993

(clique na imagem para ampliar)

## MODELO DE PLANO DE ENSINO 2

**DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA:  
PROFESSOR(A):**

**TURMA:**

**DATA:**

**CONTEÚDO OU PROGRAMA:**

**OBJETIVOS:**

**PROCEDIMENTOS OU METODOLOGIA:**

**RECURSOS:**

**AVALIAÇÃO:**

### ATIVIDADE 4 - AGORA É COM VOCÊ!! PRATICANDO!!!

Leia o [modelo de plano de aula construído pelo autor André A. Gazola](#). A partir do modelo, elabore um PLANO DE AULA. A seguir, escolha um dos modelos e formule o seu plano. Após, poste no ambiente, no fórum da semana! Este é um momento significativo, pois além de exercitarmos a elaboração de material didático, vamos analisar como nossos colegas estão elaborando seus planejamentos. Vamos lá!!!!

## Literatura Infanto-Juvenil, leitura e ensino

por Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho - UEMA

A linha de pesquisa **Literatura Infanto - Juvenil, leitura e ensino** centra sua atuação acadêmica em três eixos: análise da produção literária para crianças e jovens nos diferentes gêneros e suportes; diagnóstico da situação do ensino da leitura e da literatura e proposição de alternativas metodológicas; e descrição e análise histórico-social dos processos de leitura e formação do leitor em contextos institucionais e não-institucionais. A partir desses três eixos, a linha pretende contribuir para o desenvolvimento dessa área do conhecimento, cujos estudos pioneiros possibilitaram o surgimento de uma gama variada de pesquisas que permitem fortalecer uma produção científica capaz de interferir positivamente na sociedade. No âmbito da leitura, os trabalhos da escritora e pesquisadora Cecília Meireles, **Leitura infantis**, datado de 1944, e da psiquiatra Nise Pires, **Crianças, jovens e a literatura. Relatório de Pesquisa: literatura consumida pelos alunos de ensino de 1º grau do Município do Rio de Janeiro**, datado de 1976, os quais colocam em cena a importância da relação texto-leitor e seus efeitos para a formação sócio-histórica dos sujeitos em formação, revelando, assim, os papéis que a leitura da literatura exerce na vida de crianças e adolescentes. A contribuição dessas pesquisas não está restrita ao foco inovador, à medida que estão centradas no leitor, mas também na perspectiva metodológica, visto que a pesquisa de campo passa a ser uma metodologia relevante na obtenção de resultados que não podem ser encontrados em pesquisa de cunho bibliográfico.



Numa perspectiva teórica sobre a literatura infantil, tem-se a discussão empreendida por Cecília Meireles em **Problemas de literatura infantil**, datado de 1951, que, ao se dirigir a um público formado por professores, visto que o livro é uma coletânea de palestras, engendra uma discussão conceitual que é imprescindível para a conformação da literatura infantil enquanto gênero literário distanciando-a do caráter pedagógico que a acompanha desde a sua origem. Desse modo, Meireles dá o pontapé inicial para esse debate que ainda perdura e tem desafiado a comunidade acadêmica que é a composição do estatuto literário desse gênero, tendo em vista o estreito vínculo dessa produção literária com a escola. Essa ligação proporciona, por um lado, a garantia de um público leitor, e, por outro, a preocupação com a má escolarização da literatura infantil, cujo resultado é a sobreposição do pedagógico sobre o literário. Depois desse estudo, diversos pesquisadores vem empreendendo discussões no tocante à relação entre literatura geral e infantil, pedagogia e literatura infantil, o estatuto literário desse gênero e a correlação da literatura para crianças com diversos setores da cultura (biblioteconomia, crítica literária, psicologia e folclore), como, por exemplo, **A literatura infantil na escola**, de Regina Zilberman, **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**, de Lígia Cadermatori Magalhães e Regina Zilberman, e **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**, organizado por Sônia Salomão Khedé, e **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**, coordenado por Vera Teixeira de Aguiar.

A importância do aspecto literário na produção editorial endereçada a crianças e jovens também se reflete nos estudos das obras de autores importantes para a consolidação da literatura infantil brasileira, como, por exemplo, Monteiro Lobato, em que são exemplares os trabalhos de Marisa Lajolo. Ressalta-se que a pesquisa não se restringiu ao “pai da literatura infantil brasileira”, mas também a outros autores que mostram o quão é multifacetado o “pirlimpimpim” literário brasileiro capaz de extrapolar fronteiras, sendo reconhecidos internacionalmente por meio de premiações como o Prêmio HANS CHRISTIAN ANDERSEN – IBBY, em que foram agraciadas as escritoras Lygia Bojunga e Ana Maria Machado, e Prêmio ALMA – Astrid Lindgren Memorial Award – o maior prêmio internacional jamais instituído em prol da literatura para crianças e jovens, criado pelo governo da Suécia, em que Lygia Bojunga foi agraciado pelo conjunto de sua obra.

E o de caráter histórico, **Literatura infantil brasileira: ensaios de preliminares para a história da literatura infantil no Brasil**, datado de 1968, de Leonardo Arroyo. A obra abrange do período colonial até a inserção de Monteiro Lobato, concluindo o estudo no ano de 1966. As fontes documentais recolhidas por Arroyo vão desde os impressos produzidos pela imprensa escolar até o levantamento de *fac-símiles*. Para realizar tal arrolamento, o autor toma como referência um conceito amplo de literatura infantil, reunindo num mesmo grupo tradição oral, contos populares, rondas, parlendas e literatura escolar. Evidencia-se, destarte, a preocupação do autor em recolher todas as fontes possíveis para a elucidação da formação da literatura infantil no Brasil, bem como a estreita relação com a escola, o que faz, segundo Glória Pondé, do livro de Arroyo, não apenas uma história da literatura infantil, mas também uma história da pedagogia brasileira. Com essa obra, Arroyo torna-se a referência básica para a elaboração de outras histórias da literatura infantil brasileira, a exemplo de **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**, de Nelly Novaes Coelho, e **Literatura infantil brasileira: história e histórias**, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo, ou de histórias com um caráter regional como o trabalho de Diana Maria Marchi, **A literatura infantil gaúcha: uma história possível**, realizado a partir de dados coletados pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS.

Tais estudos desencadearam, posteriormente, inúmeros outros que consolidaram a literatura infanto-juvenil e a leitura como objetos de pesquisa instigantes e cada vez mais promissores à

medida que a produção e circulação do livro endereçado à criança e ao jovem permanecem como desafios para a universidade, tendo em vista a recorrente renovação tanto no nível textual como nas formas de apresentação (impresa, multimídia e digital) e, por conseguinte, seus efeitos. Quanto à leitura, nota-se a recorrente preocupação com a formação do leitor literário, o que implica no desenvolvimento e debate de teorias da leitura e do leitor, que fundamentam a análise de práticas leitoras, cujos dados podem ser coletados através de pesquisa bibliográfica ou de campo. A escolha de uma das metodologias aponta para diferentes ângulos do objeto de pesquisa, que não só retratam o caráter caleidoscópico do objeto como também o compromisso do pesquisador com uma perspectiva mais teórica ou com uma perspectiva de intervenção da realidade mediante a proposição de ações que promovam a formação do leitor.

Como sustentação teórica, diversos modelos teóricos tem fundamentado tais pesquisas como, por exemplo, recepcional, sociológico, histórico, hermenêutico, psicanalítico, semiológico e multiculturalismo, os quais dão conta dos distintos recortes e objetivos lançados pelos pesquisadores da área.

Essa heterogeneidade de modelos possibilita, por sua vez, a uma variedade de temáticas que podem explorar aspectos intrínsecos da literatura infanto-juvenil como o processo de criação literária no que tange à linguagem, às representações (da criança, da família, da escola e do leitor), à escolarização da literatura, à relação entre a literatura infanto-juvenil e outras linguagens (ilustração, música, cinema, televisão, computador); bem como aspectos extrínsecos que enfocam os interesses e histórias de leitura, a história da literatura infanto-juvenil, a recepção do livro literário em diferentes contextos formais de formação de leitores (escolas, bibliotecas, salas de leitura, editoras, etc.) e não-formais (classe social, família, igreja, centros comunitários, hospitais, etc.).

Para ilustrar algumas dessas perspectivas, têm-se os seguintes projetos em desenvolvimento pelos grupos de pesquisa, **Centro de Pesquisas Literárias - CPL, Leitura da literatura: a escola e as demais agências sociais<sup>20</sup>** e **Centro de Referência para o desenvolvimento da linguagem - CELIN**, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS:

**1. Contar e encantar é só começar**, sob a coordenação da Profa. Dr. Maria Tereza Amodeo. Constituição do Grupo de Contadores de Histórias da Faculdade de Letras da PUCRS para atuar na comunidade, investindo na narração de histórias como estratégia de formação de leitores, divulgando as possibilidades da capacitação acadêmica do Curso de Letras e associando a imagem da PUCRS a uma ação de efetivo valor cultural.

**2. Conto de fadas: leituras e releituras - a recepção dos contos clássicos infantis e suas recriações contemporâneas**, sob a coordenação da Profa. Dr. Sissa Jacoby. A partir da descrição de um corpus de contos de fadas e de sua apresentação à criança, o projeto visa investigar a recepção dos contos clássicos e de suas novas formas, pelo leitor/espectador infanto-juvenil, através dos diferentes meios à disposição. O objetivo da pesquisa é promover um diálogo entre o conto clássico e suas releituras, buscando uma proposta de trabalho com a literatura infanto-juvenil que, ao invés de negar os diferentes meios à disposição da criança na atualidade, tais como cinema, TV, jogos de computador, internet, contemple os novos recursos como elementos de apoio no incentivo à leitura e no trabalho com os textos literários clássicos junto à criança. O corpus será constituído pelos contos de fadas mais conhecidos - histórias tradicionais e suas releituras contemporâneas - escritas ou em transposições audiovisuais, através dos diferentes meios à disposição: narração oral, livro, desenho animado, filme, livro de

imagens, CD-ROM, etc. A metodologia contempla tanto os estudos de Bruno Bettelheim, em **A psicanálise dos contos de fadas**, quanto os estudos de Wolfgang Iser, relativamente à estética da recepção.

**3. Literatura Infantil e Medicina Pediátrica: uma aproximação de integração humana**, sob a coordenação da Profa. Dr. Solange Medina Ketzer, que busca Integrar conteúdos e atividades desenvolvidas na disciplina de Literatura Infantil com alunos do Curso de Graduação em Letras aos procedimentos realizados no Setor de Recreação do Hospital São Lucas da PUCRS com crianças enfermas de seis meses a doze anos de idade, com vistas à manutenção da comunicação com a realidade externa do hospital através do universo ficcional.

**4. Multiculturalismo e ensino de literatura**, sob a coordenação da Profa. Dr. Maria Tereza Amodeo. Elaboração de uma obra de apoio pedagógico para professores de Literatura do Ensino Básico que considere a pluralidade cultural contemporânea, investindo na delimitação de um espaço significativo para essa forma artística. Realizar uma vasta revisão bibliográfica que possa sustentar a elaboração de material de apoio com vistas a contribuir para a formação continuada dos professores. Ampliar a base teórica que deve dar sustentação a uma prática de ensino da Literatura compatível com a complexidade do mundo contemporâneo, com vistas a uma publicação dirigida especialmente a professores de Ensino Básico e que será utilizada como ponto de referência de cursos e seminários a serem realizados numa etapa posterior.

**5. Muita prosa e muito verso**, sob a coordenação da Profa. Dr. Maria Tereza Amodeo. Propõe-se a promover a autonomia, integração e participação mais efetiva na sociedade de pessoas da comunidade com mais de 50 anos, partindo da leitura e análise de textos literários, da narração/recitação de histórias e poemas e da produção de textos em prosa e verso, com vistas a desenvolver formas de atuação concreta na sociedade.

**6. Mundo mágico da poesia: potencialidades lingüísticas e alfabetização** sob a coordenação da Profa. Dr. Solange Medina Ketzer, que pretende construir uma proposta de trabalho pedagógico de desenvolvimento cognitivo através da poesia que contribua para o aprendizado da leitura e da escrita de crianças freqüentando a primeira série do ensino fundamental; capacitar professores alfabetizadores para o trabalho com esta proposta; investigar a contribuição desta proposta para o aprendizado da leitura e da escrita dessas crianças. A proposta de trabalho esta baseada na articulação da teoria da literatura, da lingüística e da educação. Caracteriza-se pela exploração dos planos fônico, sintático, semântico e pragmático da poesia, com vistas ao desenvolvimento de potencialidades lingüísticas de alfabetizando. O trabalho realiza-se em duas etapas: desenvolvimento de oficinas de poesia com crianças de primeira série e desenvolvimento de oficinas de socialização com professores alfabetizadores.

**7. Oficinas de leitura no CLIC: a formação de educadores para formar leitores** sob a coordenação da Profa. Dr. Vera Teixeira de Aguiar, que objetiva o desenvolvimento de pesquisas de leitura no Centro de Literatura Interativa da Comunidade - CLIC com vistas à formação do hábito de leitura das crianças e a formação e à preparação de profissionais mediadores de leitura entre os alunos de Letras, a partir da criação de materiais impressos e softwares de apoio à leitura literária.

**8. Tendências contemporâneas da produção cultural para a criança**, sob a coordenação da Profa. Dr. Sissa Jacoby, é uma investigação das manifestações culturais dirigidas à infância na atualidade bem como das influências dessa produção na formação da criança e sua

experimentação do mundo simbólico.

Tais projetos congregam estudos em nível de Iniciação Científica, com alunos de graduação, bem como em nível de Mestrado e Doutorado, o que representa a formação de novos pesquisadores oriundos da PUCRS e de outras IES brasileiras e estrangeiras. Desse modo, a linha irradia as discussões teóricas e metodológicas que realiza para outros espaços acadêmicos, ampliando, assim, o diálogo tão necessário para o desenvolvimento da produção de conhecimentos.

Resultam desses projetos diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado<sup>22</sup>, como, por exemplo:

1. **Brincar de ler: um método lúdico de ensino de leitura literária**, de Renata Cavalcanti Eichenberg.
2. **A presença da metalinguagem na literatura infantil contemporânea**, de Annete Baldi.
3. **“Poesia é voz de fazer nascimentos”**: a construção da subjetividade do leitor através da leitura da poesia, de Zila Letícia Goulart Pereira Rego.
4. **Uma viagem através da poesia: vivências em sala de aula**, de Gláucia de Souza.

## Referências

AGUIAR, V. T (Coord.). **Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**: ensaios de preliminares para a história da literatura infantil no Brasil. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990. (A 1ª edição data do ano de 1968)

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991. (Série Fundamentos, 88)

KHÉDE, Sônia Salomão. **Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. (A 1ª edição data do ano de 1983)

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 5) (A 1ª edição data do ano de 1984)

MAGALHÃES, Lígia Cadermatori, ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil: emancipação e autoritarismo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987. (Ensaio, 82) (A 1ª edição data do ano de 1982)

MEIRELES, Cecília. **Leitura infantis**. Rio de Janeiro, Departamento de Educação do Distrito Federal, 1944.

MEIRELES, Cecília. **Problemas de literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. (A 1ª edição data do ano de 1951)

PIRES, Nise. **Crianças, jovens e a literatura**. Relatório de Pesquisa: literatura consumido pelos alunos de ensino de 1º grau do Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: MEC/INEP/INL/FNLIJ, 1976.

PONDÉ, Glória. Nota. In: ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira: ensaio de preliminares para a história da literatura infantil no Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1988. P. 5.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998. (Teses, 1) (A 1ª edição data do ano de 1981)

MARCHI, Diana Maria. **A literatura infantil gaúcha: uma história possível**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

#### **ATIVIDADE 5**

Volte ao texto e destaque ideias-chaves que referenciem o processo da atividade de leitura na escola. Poste suas considerações no fórum de discussão da semana. Não esqueça de dialogar com seus colegas, professor e tutor, pois dessa forma você está interagindo, trocando experiências de leitura e construindo conhecimentos.

## **2.2. Ensino X Aprendizagem: o despertar de habilidades para leitura literária - ensinando e integrando**

Ao elencarmos a problemática que envolve o ensino e a aprendizagem, precisamos considerar inúmeras questões. Especificamente ao tratarmos do ensino de literatura, é possível citar algumas possibilidades como alternativa de trabalho, levando em conta que cada realidade é única e, nesse sentido, não existe nenhuma fórmula acabada, pronta. Cada sala de aula tem características distintas, exigindo do professor criatividade e muita pesquisa para a elaboração de suas aulas. No entanto, como mencionamos no início do tópico, apontaremos apenas algumas idéias que, obviamente, poderão ser aproveitadas, se reelaboradas a partir de cada cenário de ensino.

### **Como professor, você precisa saber que é necessário:**

- Revisar dos paradigmas propostos pela escola tradicional;
- Analisar o *que* se ensina e *como* se ensina;
- Selecionar leituras adequadas, que não sejam pautadas por interesses pragmáticos (texto por pretexto);
- Viabilizar a descoberta do mundo a partir do contato com a leitura;
- Respeitar à condição cognitiva do educando

### **Antes de solicitar uma leitura literária você poderá:**

- Falar sobre a obra; contextualizá-la;
- Narrar parte da história;

- Apresentar alguns dos personagens;
- Fazer um fundo musical.

### Após a leitura você poderá:

- Propor dramatização.
- Propor uma reescritura da obra – as **fanfictions** estão em voga entre os adolescentes;
- Júri Simulado, dependendo da temática da obra;
- Escrita de Diários;
- Varal Poético – alunos poderão produzir poesias ou pesquisar autores clássicos;
- Mural da leitura com ilustrações da obra;
- Feira Literária – propor a troca de obras entre os alunos. Se os livros forem da biblioteca, poderão ser trocados para uma nova leitura, se forem dos próprios alunos, poderão trocar entre si, através do interesse pelos temas, incentivando a atitude do leitor.

Maria Lúcia Bandeira Vargas define as **fanfictions** em seu livro *O fenômeno fanfictions* como: (...) uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucros envolvidos nessa prática. Os autores de fanfictions dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passando a haver necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria. (VARGAS, 2005. p. 21)

Confira, agora, algumas abordagens didático-pedagógicas que não aproveitam as potencialidades da atividade de leitura (literária ou não):

- o uso do texto por pretexto;
- o ensino de regras de funcionamento da língua;
- a transmissão de regras de conduta social (pedagogismo);
- o dogmatismo de enquadramentos a períodos literários;
- o emprego de questões de interpretação que impedem o diálogo do leitor com o texto.

## SÍNTESE UNIDADE II

Ao chegarmos ao final das discussões da segunda unidade da disciplina, é preciso retomar a importância do espaço “sala de aula”, a fim de que tenhamos clareza acerca do despertar de habilidades para a leitura literária. Não basta dominar o conteúdo teórico, é preciso, primeiro, sentir as necessidades de cada grupo de alunos, para que tenhamos condições de fomentar a leitura literária em qualquer nível de ensino. Já observamos e discutimos a importância do ato de planejar, você já analisou modelos de PLANOS DE AULA, enfim, agora é chegado o momento de, a partir das discussões, já realizadas no decorrer desta unidade, chegarmos à unidade final: **MATERIAIS E ESTRATÉGIAS NO PROCESSO**

## PEDAGÓGICO.

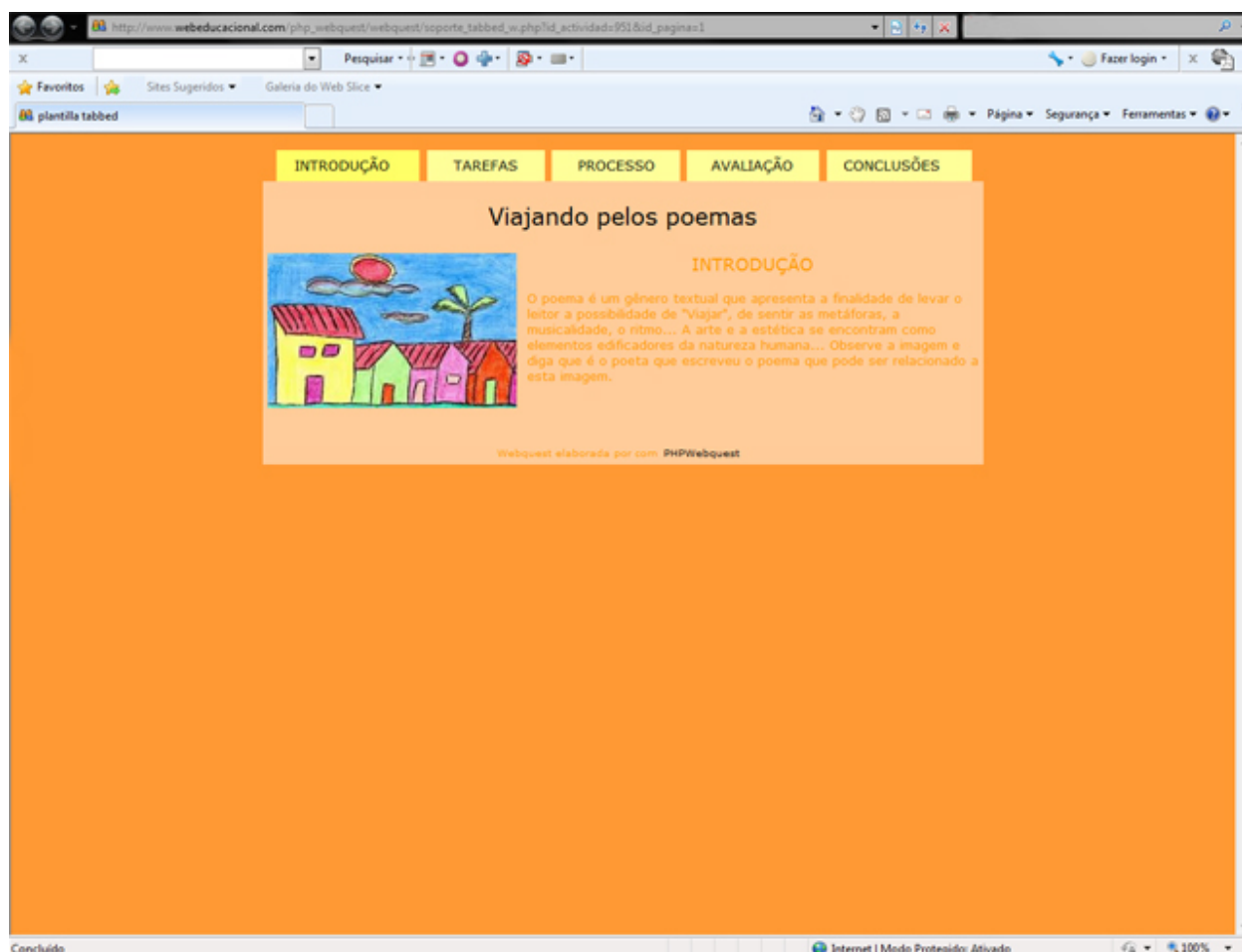
Produção e Análise de Material Didático em Literatura

### UNIDADE III

## MATERIAIS E ESTRATÉGIAS NO PROCESSO PEDAGÓGICO

Neste momento vamos analisar alguns materiais didáticos produzidos por professores e já difundidos entre nós, seja em meio eletrônico ou impresso. Observe as características de cada um dos materiais apresentados e focalize o olhar para as intenções do produtor (o professor), buscando observar quais as habilidades ele espera desenvolver no aluno através da unidade didática produzida.

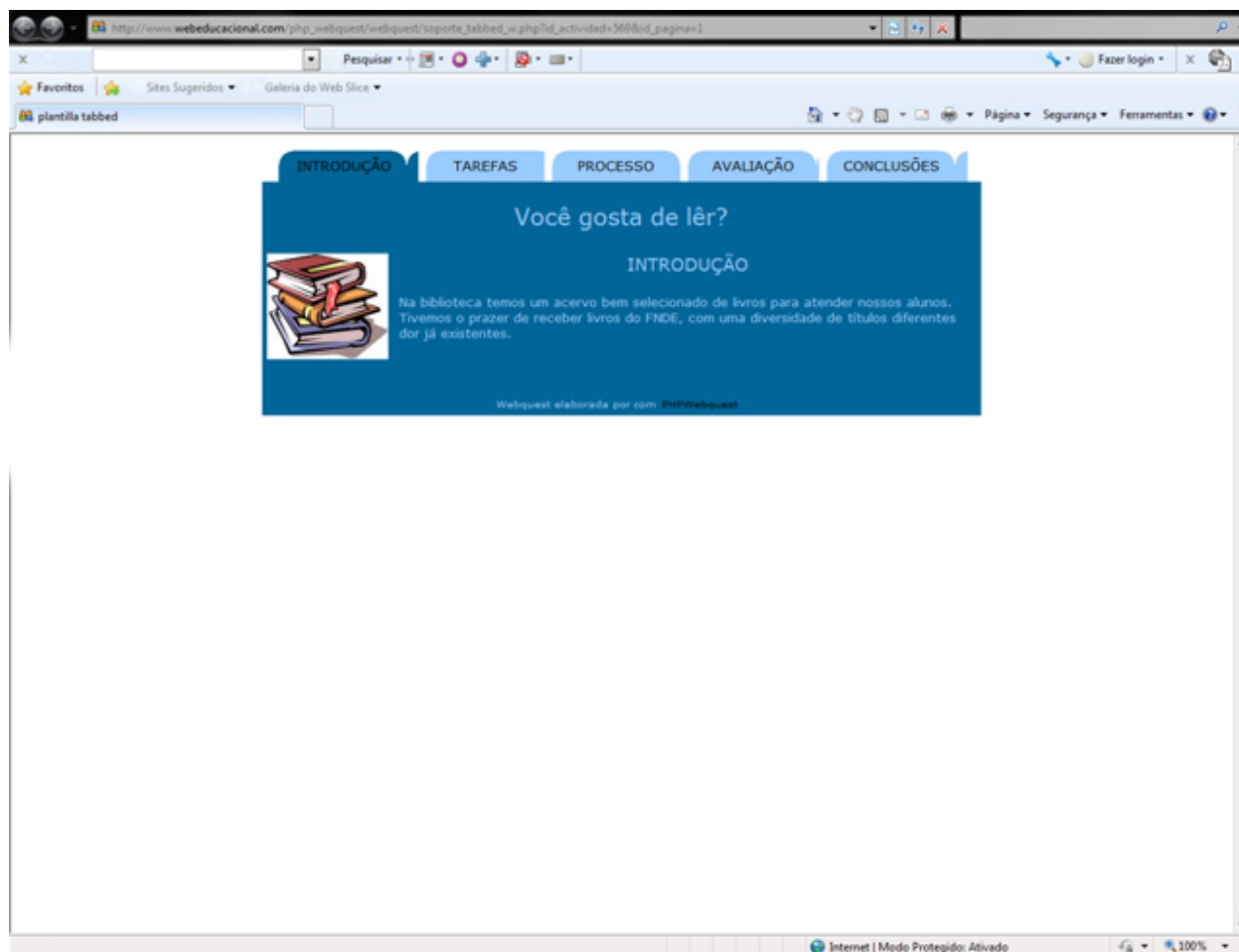
### Material 1 - viajando pelos poemas



The screenshot shows a web browser window with the URL [http://www.webeducacional.com.php/webquest/webquest/suporte\\_tabbed\\_w.php?id\\_atividade=251&id\\_pagina=1](http://www.webeducacional.com.php/webquest/webquest/suporte_tabbed_w.php?id_atividade=251&id_pagina=1). The browser interface includes a search bar, navigation buttons, and a tab labeled 'plantilla tabbed'. The main content area has an orange background and a navigation menu with tabs: INTRODUÇÃO, TAREFAS, PROCESSO, AVALIAÇÃO, and CONCLUSÕES. The 'INTRODUÇÃO' tab is active, displaying the title 'Viajando pelos poemas' and a sub-section 'INTRODUÇÃO'. To the left is a colorful illustration of a village with houses in yellow, green, and pink, a palm tree, and a sun. To the right, the text reads: 'O poema é um gênero textual que apresenta a finalidade de levar o leitor a possibilidade de "Viajar", de sentir as metáforas, a musicalidade, o ritmo... A arte e a estética se encontram como elementos edificadores da natureza humana... Observe a imagem e diga que é o poeta que escreveu o poema que pode ser relacionado a esta imagem.' At the bottom, it says 'Webquest elaborada por com PHPWebquest'. The browser status bar at the bottom shows 'Concluído', 'Internet | Modo Protegido: Ativado', and '100%' zoom.

Fonte: [www.webeducacional.com/php\\_webquest/webquest/soporte\\_tabbed\\_w.php?id\\_actividad=951&id\\_pagina=1](http://www.webeducacional.com/php_webquest/webquest/soporte_tabbed_w.php?id_actividad=951&id_pagina=1)  
Acesso em novembro de 2010.

## Material 2 -você gosta de ler?



Fonte: [www.webeducacional.com/php\\_webquest/webquest/soporte\\_tabbed\\_w.php?id\\_actividad=569&id\\_pagina=1](http://www.webeducacional.com/php_webquest/webquest/soporte_tabbed_w.php?id_actividad=569&id_pagina=1)  
Acesso em novembro de 2010.

## Material 3 - um estudo literário de Bentinho & Capitu



Fonte: [www.webquestbrasil.org/criador/webquest/suporte\\_tabbed\\_w.php?id\\_actividad=11613&id\\_pagina=1](http://www.webquestbrasil.org/criador/webquest/suporte_tabbed_w.php?id_actividad=11613&id_pagina=1)

Acesso em novembro de 2010.

Os materiais 1, 2 e 3 são denominados **webquest** e constituem um recurso didático interessante para as aulas de literatura, uma vez que estimulam a leitura e o uso da tecnologia. **Visite os endereços apresentados e observe os pontos explorados pelo professor que elaborou a atividade.**

### Saiba mais sobre webquest!!

É uma atividade de aprendizagem através da internet. O conceito de webquest foi criado em 1995, por Bernie Dodge, professor da universidade estadual da Califórnia, EUA, como proposta metodológica para usar a Internet de forma criativa. Dodge a define assim: "Webquest é uma atividade investigativa, em que alguma ou toda a informação com que os alunos interagem provém da Internet." Em geral, uma webquest é elaborada pelo professor, para ser solucionada pelos alunos, reunidos em grupos. A webquest sempre parte de um tema e propõe uma Tarefa, que envolve consultar fontes de informação especialmente selecionadas pelo professor. Essas fontes (também chamadas de recursos) podem ser livros, vídeos, e mesmo pessoas a entrevistar, mas normalmente são sites ou páginas na Web.

## Agora analise os materiais 4 e 5:

### Material 4 - funções da linguagem

**Funções da linguagem**  
**Qual objetivo do seu texto?**

Sueli Amaral\*  
Especial para a **Página 3 Pedagogia & Comunicação**

Por meio da linguagem, também realizamos diferentes ações: transmitimos informações, tentamos convencer o outro a fazer (ou dizer) algo, assumimos compromissos, ordenamos, pedimos, demonstramos sentimentos, construímos representações mentais sobre nosso mundo, enfim, pela linguagem organizamos nossa vida do dia a dia, em diferentes aspectos.

Diferenciar que objetivo predomina em cada situação de comunicação auxilia a compreender melhor o que foi dito.

As funções da linguagem estão centradas nos **elementos da comunicação**. Toda comunicação apresenta uma variedade de funções, mas elas se apresentam hierarquizadas, sendo uma dominante, de acordo com o enfoque que o destinatário quer dar ou do efeito que quer causar no receptor. As funções da linguagem são as seguintes:

Referencial

Poética

Fática    Emotiva    Conativa

Metalingüística

Compare os dois textos a seguir:

"Não só baseado na avaliação do Guia da Folha, mas também por iniciativa própria, assisti cinco vezes a "Um filme falado". Tema que a crítica brasileira condenasse o filme por não se conventional, mas tive uma satisfação imensa quando li críticas unânimes na imprensa. Isso mostra que, apesar de tantas entulhadas, a nossa crítica é atenta com o passado e o presente da humanidade e com as coisas que acontecem no mundo. Fantástico! Parabéns, Sérgio Rizzo, seus textos nunca me decepcionam."

Luciano Duarte. Guia da Folha, 10 a 16 de junho 2005.

\*\*\*\*"UM FILME FALADO" - Idem. França/Itália/Portugal, 2003. Direção: Manoel de Oliveira. Com: Leonor Silveira, John Malkovich, Catherine Deneuve, Stefania Sandrelli e Irene Papas. Jovem professora de história embarca com a Siba em um avião em sua via de férias a Roterdã. 96 min. 12 anos. Dinastia

Fonte: [http://educacao.uol.com.br/portugues/funcoes\\_linguagem.jhtm](http://educacao.uol.com.br/portugues/funcoes_linguagem.jhtm)

Acesso em novembro de 2010.

### Material 5 - a arte no Brasil - manifestações artísticas

The image shows a screenshot of a web browser displaying a slide titled "AULA 4". The slide content is as follows:

## AULA 4

### A ARTE NO BRASIL, AS INFLUÊNCIAS DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS DO MUNDO OCIDENTAL

- **Conteúdo**
  - O Barroco
  - O Rococó
  - A arte dos índios brasileiros
- **Competências e habilidades**
  - Ao final desta unidade espera-se que o educando desenvolva a capacidade de compreender, desenvolver e aprofundar conhecimentos práticos e teóricos sobre a produção artística brasileira por meio de estudos sobre a história da Arte-Educação no Brasil
- **Material para autoestudo**
  - Verificar no Portal os textos e as atividades disponíveis na galeria da unidade
- **Duração**

e Didática – O Ensino de Artes

Fonte: [www.unianhanguera.edu.br/storage/web\\_aesa/portal\\_institucional/bibliotecas/biblioteca\\_virtual/e\\_book/LINGUAGENS,%20ARTES%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20PELO%20MOVIMENTO.pdf](http://www.unianhanguera.edu.br/storage/web_aesa/portal_institucional/bibliotecas/biblioteca_virtual/e_book/LINGUAGENS,%20ARTES%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20PELO%20MOVIMENTO.pdf)  
Acesso em novembro de 2010.

### **ATENÇÃO!!!**

Sobre os materiais apresentados, identifique em cada um dos 5 exemplos, quais as habilidades destacadas e de que maneira elas foram exploradas pelo professor? Quais são os objetivos de cada unidade no plano do conteúdo? Quais são as estratégias utilizadas para o ensino? Poste suas respostas no FÓRUM SEMANAL. Não esqueça de refletir sobre as respostas dos colegas, professores e tutores.

### **3.1. Elaboração de Materiais e Utilização de Recursos**

- Você já analisou...
- Nós já discutimos em fóruns...
- Você já visualizou...
- Você já entrevistou alunos...e ouviu também professores de literatura...
- Já observou propostas de colegas...

**Então... é o momento de praticar!**

**ATIVIDADE 6 - PRATICANDO MAIS UMA VEZ!**

**Analise os planos 1, 2 e 3 e discuta-os no fórum semanal. Além de apresentar a sua ideia sobre os modelos de planos analisados, comente de modo reflexivo e crítico as respostas dos colegas.** Para você ter uma direção, propomos a leitura e análise de três planos de aula, postados no site da revista Nova Escola.

[Plano de aula 1](#)

[Plano de aula 2](#)

[Plano de aula 3](#)

### 3.2 Gerenciamento de sala de aula

Com base em sua própria experiência, a professora de Geografia, Karla Veloso Pinto, vencedora do Prêmio Victor Civita - Educador Nota 10 de 2009, sugere algumas dicas sobre como gerir o trabalho em sala de aula. Assista ao vídeo postado no ambiente.

A seguir leia o texto [Conhecimento didático: a base da sala de aula!](#)

**ATIVIDADE 7 - Agora chegou a sua vez! ELABORE UMA UNIDADE DIDÁTICA**

Chegamos ao momento prático. *Nesta unidade você analisou unidades didáticas propostas através de webquests e de livros ou manuais de literatura, destinados ao ensino fundamental e médio. A partir da análise, você deverá elaborar algumas propostas de material didático para o ensino de literatura na escola. A partir das discussões realizadas na disciplina, elabore um plano de aula, para iniciar sua proposta, contemplando a literatura brasileira. Especifique a turma, o conteúdo, os objetivos, a metodologia, a forma de avaliação e os recursos necessários para sua aula.*

Você poderá buscar em bibliotecas ou em sites outras unidades didáticas, como fonte de pesquisa!